

TERRITORIALIZAÇÃO DA REFORMA AGRÁRIA E REFORMA AGRÁRIA DE MERCADO NO BRASIL (2000-2004)

**Eraldo da Silva Ramos Filho – Universidade Federal de Sergipe (UFS) e
Unesp/Presidente Prudente**
eramosfilhos@yahoo.com.br

Elienai Constantino Gonçalves – Unesp/Presidente Prudente
elienai_cg@yahoo.com.br

Marcel Nunes Ribeiro – Unesp/Presidente Prudente
marcel_nr@yahoo.com.br

Bianchi Agostini Gobbo – Unesp/Presidente Prudente
bianchivencedor@hotmail.com

Apresentamos neste texto reflexões acerca das transformações recentes no campo brasileiro, focando a alteração da postura do Estado frente à questão agrária. Em virtude do ajustamento deste à lógica neoliberal, verifica-se a concretização da internacionalização das políticas públicas para o campo, mediante: a difusão da concepção de alívio da pobreza rural, da substituição da questão agrária pelas políticas de desenvolvimento rural, do fortalecimento do agricultor familiar e negação da existência do camponês, assim como a implementação da Reforma Agrária de Mercado (RAM).

Tais concepções teóricas têm subsidiado a intervenção política do Estado que se inspira em documentos, programas e diretrizes de agências financeiras supranacionais, dentre elas o Banco Mundial.

A RAM já é uma realidade em diferentes países do mundo pobre a exemplo da África do Sul e Zimbábue na África, da Índia e Tailândia na Ásia, da Colômbia, Guatemala e Brasil na América Latina, sendo este último país, a localidade de maior amplitude e aprofundamento das políticas de terras do Banco Mundial. As políticas de RAM apresentam-se com diferentes denominações no espaço e no tempo mas, suas regras de funcionamento são muito similares e de sua implementação emerge um conjunto de impactos sócio-territoriais negativos comuns.

Este programa foi introduzido no Brasil em 1997 através do Projeto Cédula da Terra e desde então, em virtude de questionamentos e pressão dos movimentos sociais, as denominações e regras de operação têm sido alteradas, como por exemplo, o Banco da Terra, o Crédito Fundiário de Combate a Pobreza Rural, e mais recentemente as versões Consolidação da Agricultura Familiar, Combate à Pobreza e o Programa Nossa Primeira Terra. Estes projetos atualmente encontram-se espacializados nos nove estados da região Nordeste, nos três do Sul, em todo o Sudeste e Centro-Oeste e no estado do Tocantins.

Tais programas, em particular no caso brasileiro, onde a questão agrária é fortemente

marcada pelo rentismo fundiário, vão de encontro à concepção da terra de negócio, uma vez que, o financiamento proposto ao camponês promove a compra de terra a quem dela dispõe. A RAM tem sido uma forma de manifestação do processo de recriação do campesinato, mediado pelas relações mercadológicas, e, opõe-se à recriação efetivada mediante as ocupações de terras.

Outra forma expressiva da recriação do campesinato tem sido através da luta pela terra, que envolve diversas ações de resistência aos processos de expropriação e exclusão, cuja ocupação de terras tem destaque. A intensidade e o alcance das lutas são tão expressivos que a política de implantação de milhares de assentamentos de reforma agrária no país é exclusivamente resultado dessas lutas por terras, realizadas de diversas formas pelos trabalhadores e não das políticas governamentais, como é costumeiro veicular-se na mídia.

Diante do exposto, é objetivo deste artigo comparar a territorialização dos projetos de RAM e dos assentamentos de Reforma Agrária no Brasil, por estado da federação e período de implantação; analisar as dinâmicas de pulverização e/ou concentração dos diferentes programas de RAM no Brasil; discutir a extensão da Reforma Agrária e RAM nos governos Fernando Henrique Cardoso e Luis Inácio Lula da Silva.

Como procedimentos metodológicos inserimos os dados da RAM fornecidos pela Secretaria do Desenvolvimento Territorial/MDA no Dataluta inaugurando a versão do Dataluta – Banco da Terra. Esses dados foram sistematizados em formas de tabelas e mapas que representam a territorialização dos RAM por programa e estado da federação no período de 2000 – 2004. A partir do Dataluta – Assentamentos foram cartografados os assentamentos de reforma agrária do mesmo período por estado da federação. Por fim, com o conjunto dos cartogramas procedemos uma análise comparativa entre os dois programas de reforma agrária em curso atualmente no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARTINS, M. D. (org.) **O Banco Mundial e a terra: ofensiva e resistência na América Latina, África e Ásia**. São Paulo, Viramundo, 2004.

MARTINS, J. de S. **Expropriação e violência: a questão política no campo**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Presidente (2003 – 2006: Lula). **Plano nacional de reforma agrária: paz, produção e qualidade de vida no meio rural**. Brasília: Nov. 2003.

PEREIRA, J. M. M. **O modelo de reforma agrária de mercado do banco mundial em questão: o debate internacional e o caso brasileiro**. Teoria, luta política e balanço de resultados. Rio de Janeiro, RJ, 2004. 281. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade) – CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

TERRITORIALIZACIÓN DE LA REFORMA AGRARIA Y REFORMA AGRARIA DE MERCADO EN BRASIL (2000-2004)

**Eraldo da Silva Ramos Filho – Universidade Federal de Sergipe (UFS) e
Unesp/Presidente Prudente**
eramosfilhos@yahoo.com.br

Elienai Constantino Gonçalves – Unesp/Presidente Prudente
elienai_cg@yahoo.com.br

Marcel Nunes Ribeiro – Unesp/Presidente Prudente
marcel_nr@yahoo.com.br

Bianchi Agostini Gobbo – Unesp/Presidente Prudente
bianchivencedor@hotmail.com

Presentamos en este texto algunas reflexiones acerca de las transformaciones recientes en el campo brasileño, enfocándolas a la alteración del posicionamiento del Estado frente a la cuestión agraria. En virtud del alineamiento de este con la lógica neoliberal, se verifica la materialización de la internacionalización de las políticas públicas para el campo, mediante: la difusión de la concepción del alivio de la pobreza rural, de la substitución de la cuestión agraria por políticas de desarrollo rural, del fortalecimiento del agricultor familiar y la negación de la existencia del campesino, así como la implementación de la Reforma Agraria de Mercado (RAM).

Estas concepciones teóricas han fundamentado la intervención política del Estado, que se inspira en documentos, programas y directrices de agencias financieras supranacionales, entre ellas el Banco Mundial.

La RAM ya es una realidad en diferentes países del mundo pobre, como en Sudáfrica y Zimbabwe en África, en la India y Tailandia en Asia, en Colombia, Guatemala y Brasil en América Latina, siendo este último país, el área de mayor amplitud y profundización de las políticas de tierras del Banco Mundial. Las políticas de RAM se presentan con diferentes denominaciones en el espacio y en el tiempo, sin embargo, sus reglas de funcionamiento son muy similares y de su implementación emerge un conjunto de impactos socio-territoriales negativos comunes en todos los casos.

Este programa fue introducido en Brasil en 1997 a través del Proyecto Cédula de la Tierra y desde entonces, en virtud de los cuestionamientos y la presión de los movimientos sociales, las denominaciones y reglas de operación han sido alteradas, como por ejemplo, el *Banco da Terra*, el *Crédito Fundiário de Combate a Pobreza Rural*, y más recientemente las versiones *Consolidação da Agricultura Familiar*, *Combate à Pobreza* y el programa *Nossa Primeira Terra*. Estos proyectos actualmente se encuentran espacializados en los nueve estados de la región Nordeste, en los tres del Sur, en todo el Sudeste y Centro-Oeste y en el

estado de Tocantins.

Estos programas, en particular en el caso brasileño, donde la cuestión agraria está fuertemente marcada por la propiedad de la tierra como reserva de valor, convergen con una concepción de la tierra como negocio, ya que la financiación propuesta al campesino promueve la compra de tierra de aquellos que la poseen. La RAM ha sido una forma de manifestación del proceso de re-creación del campesinado, a través de relaciones mercantiles, y, oponiéndose a la re-creación mediante las ocupaciones de tierras.

Otra forma expresiva de la re-creación del campesinado ha sido a través de la lucha por la tierra, que envuelve diversas acciones de resistencia a los procesos de expropiación y exclusión, siendo la ocupación de tierras la más destacada. La intensidad y el alcance de las luchas son tan expresivos que la política de implantación de miles de asentamientos de reforma agraria en el país es exclusivamente resultado de esas luchas por tierras, realizadas de diversas formas por los trabajadores y no de las políticas gubernamentales, como se acostumbra a presentar en los medios de comunicación.

Delante de todo lo expuesto, el objetivo de este artículo es comparar la territorialización de los proyectos de RAM y de los asentamientos de Reforma Agraria en Brasil, por estado de la federación y periodo de implantación; analizar las dinámicas de pulverización y/o concentración de los diferentes programas de RAM en Brasil; discutir la extensión de la Reforma Agraria y RAM en los gobiernos de Fernando Henrique Cardoso y de Luis Inácio Lula da Silva.

Como procedimientos metodológicos inserimos los datos de la RAM proporcionados por la Secretaría del Desarrollo Territorial/MDA en el *Dataluta* inaugurando la versión del *Dataluta – Banco da Terra*. Estos datos fueron sistematizados en formas de tablas y mapas que representan la territorialização de los RAM por programa y estado de la federación en el periodo de 2000 a 2004. A partir del *Dataluta – Asentamientos* fueron cartografiados los asentamientos de reforma agraria del mismo periodo por estado de la federación. Por fin, con el conjunto de los cartogramas procedimos a un análisis comparativo entre los dos programas de reforma agraria en curso actualmente en Brasil.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARTINS, M. D. (org.) **O Banco Mundial e a terra: ofensiva e resisitência na America Latina, África e Ásia**. São Paulo, Viramundo, 2004.

MARTINS, J. de S. **Expropriação e violência: a questão política no campo**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Presidente (2003 – 2006: Lula). **Plano nacional de reforma agrária: paz, produção e qualidade de vida no meio rural.** Brasília: Nov. 2003.

PEREIRA, J. M. M. **O modelo de reforma agrária de mercado do banco mundial em questão:** o debate internacional e o caso brasileiro. Teoria, luta política e balanço de resultados. Rio de Janeiro, RJ, 2004. 281. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade) – CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.